

Coordenação e edição de Ana Teresa Alves (FCSH-UAç - ana.tc.alves@uac.pt)

Lisboa, 1755: o dia em que tudo mudou

Autor:

Nuno Camarinhas (FCSH-UAç)

No dia 1 de novembro de 1755, Lisboa viveu uma manhã que mudou a sua história. Era Dia de Todos-os-Santos e a cidade estava cheia de fiéis nas igrejas quando, pouco antes das dez, a terra começou a tremer violentamente. Muitos edifícios ruíram de imediato, outros ficaram em chamas com as velas acesas nos altares. Minutos depois, o mar recuou misteriosamente e regressou em forma de ondas gigantes que engoliram a zona ribeirinha. Hoje chamamos a este fenómeno tsunami, uma palavra japonesa que significa "onda de porto". A cidade ficou quase em ruínas.

O terramoto e o tsunami não ficaram limitados a Lisboa. O terramoto foi sentido em muitas outras regiões: nos Açores, na Madeira, no sul de Espanha e no norte de África. O tsunami atravessou o Atlântico e chegou a lugares tão distantes como os portos das Caraíbas. Este alcance impressionante mostrou que a Terra funciona como um enorme sistema interligado, onde um abalo numa região pode ter efeitos a milhares de quilómetros de distância.

O terramoto de 1755 não foi apenas um desastre natural: marcou também a cultura e a política europeia. Para alguns, era um castigo divino. Outros começaram a procurar explicações mais racionais. O Marquês de Pombal, ministro do rei D. José I, ficou famoso pela rapidez da sua resposta: organizou

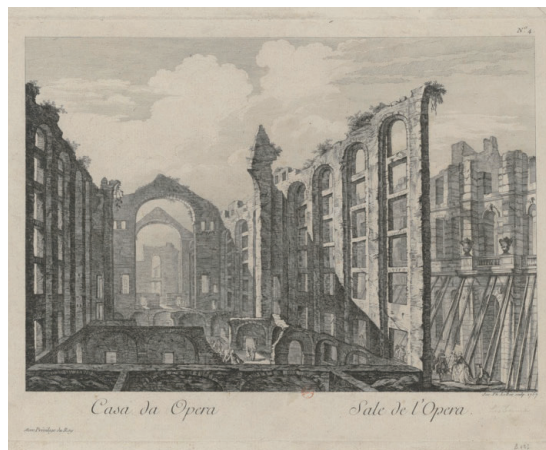
um inquérito enviado a centenas de paróquias para recolher dados sobre o sismo, um dos primeiros passos para estudar a atividade sísmica de forma científica. Muitos historiadores consideram que essa atuação enérgica o ajudou a consolidar o poder e a pôr em prática reformas importantes, mas também bastante autoritárias.

Lisboa precisava de renascer. A reconstrução da capital seguiu planos inspirados pelo espírito racional do Iluminismo, com ruas largas, praças regulares e edifícios mais resistentes. Essa zona ainda hoje pode ser visitada: é a chamada Baixa Pombalina, onde vemos um dos primeiros exemplos de urbanismo moderno da Europa. O terramoto, a destruição e a reconstrução ficaram assim para sempre ligados ao nome do Marquês de Pombal.

Este episódio impressionou filósofos e escritores, como o francês Voltaire, que questionaram a relação entre a natureza, Deus e a vida humana. Para nós, portugueses e açorianos, o terramoto de 1755 lembra a importância de conhecer os riscos naturais. Vivemos em zonas onde a terra treme com frequência e onde o mar pode transformar-se rapidamente. A ciência, a memória histórica e a preparação para emergências ajudam-nos hoje a enfrentar com mais segurança aquilo que parecia, no século XVIII, apenas uma misteriosa e enigmática fúria da natureza.



«Lisboa destruída / Lisbone Abysmée», gravura de autoria desconhecida, c. 1755, Biblioteca Nacional de França (<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb47082550h>).



«Casa da Opera», Gravura de Jacques Philippe Le Bas, 1757, Biblioteca Nacional de França (<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb450462705>).

É a tua vez

Imagina que estás em Lisboa no dia 1 de novembro de 1755: o chão treme, o mar avança e a cidade arde. O que farias para te proteger? Achas que estás preparado? Nos Açores, onde a terra treme com frequência, isto é muito importante. Lê as

recomendações do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores, que podes consultar na ligação seguinte, para ficares a saber: <https://www.pro-civ.azores.gov.pt/fotos/paginas/51593620812.pdf>.

Leituras

Para saberes mais sobre o que aconteceu em Lisboa no dia 1 de novembro de 1755 e sobre as pessoas que viveram nesse tempo, lê O Dia do Terramoto, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alcáçada, com ilustrações de Arlindo Fagundes.

